

**CONRADO NAVARRO**  
Portal Dinheirama e Canal AutoVideos

# QUEBRE A CAIXA, FURE A BOLHA

É hora de romper as regras

CONRADO NAVARRO

**QUEBRE  
A CAIXA,  
FURE  
A BOLHA**

É hora de romper as regras

**COPYRIGHT © CONRADO NAVARRO, 2020**

**COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2019**

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**

Coordenação editorial **CARLA SACRATO**

Preparação **MONIQUE D'ORAZIO**

Revisão **BARBARA PARENTE**

Capa e Projeto gráfico **OSMANE GARCIA FILHO**

Foto de capa **PICSFIVE | SHUTTERSTOCK**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

Navarro, Conrado

Quebre a caixa e fure a bolha : decisões práticas para fazer a diferença e ser o dono do seu futuro / Conrado Navarro. — São Paulo : Faro Editorial, 2020.  
160 p.

ISBN 978-85-9581-105-8

1. Empreendedorismo 2. Sucesso 3. Sucesso nos negócios  
4. Finanças pessoais I. Título

20-1045

CDD 650.1

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Empreendedorismo : Sucesso 650.1



---

1ª edição brasileira: 2020

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,  
adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 - Sala 310  
Alphaville — Barueri — SP — Brasil  
CEP: 06473-073  
[www.faroeditorial.com.br](http://www.faroeditorial.com.br)

**QUEBRE  
A CAIXA,  
FURE  
A BOLHA**

# 1

## ESTOURE SUA BOLHA

---

**EXPECTATIVA:**

O mundo sempre será compreensivo comigo.

**REALIDADE:**

Você é responsável pelas consequências de suas escolhas (ou falta delas).

Você já deve ter ouvido o ditado “tudo que merece ser feito, merece ser bem feito”. Pois é, tendo isso em mente, veja esta história: quatro crianças de dez anos estavam brincando de atirar pedras em um muro de concreto, supondo estarem em um tipo de guerra em que o inimigo se escondia atrás de um enorme paredão.

A “fortaleza do inimigo”, na verdade, era uma república de estudantes. Como bem sabemos, esse tipo de moradia costuma ficar vago durante os meses de férias na universidade, período que também coincide com as férias escolares. Na prática, nessa época, a “guerra ao muro” era uma brincadeira que costumava reunir muitos amigos.

Eu morava ao lado da república e era, quase sempre, o primeiro a ser convocado para o exército que combatia as forças ocultas por trás do muro. Era uma época um pouco diferente, em que nossas brincadeiras consistiam em atividades fora do computador e eram frequentemente associadas a algumas estupidezes típicas de moleques. Nossas bolhas não eram tão fortes, tampouco tão valorizadas.

A soma de casa vazia, garotos com tempo livre e a máxima de fazer bem feito deu origem a uma grande ideia: “Vamos derrubar o muro e finalmente cumprir nosso maior objetivo”. Você não leu errado, eu disse mesmo *derrubar o muro*. A decisão parecia viável porque se tratava de uma parede levantada com aquele concreto mais fino e em placas, que permitiam olhares por entre pequenas frestas e deixavam claro que a estrutura não era tão resistente.

Começamos tentando do jeito mais divertido, jogando pedras e objetos maiores em direção ao muro. Em vão. Depois de algumas horas, apenas alguns arranhões e nada de o muro pender para lá ou para cá. Apelamos para os chutes com a sola do pé e para os trancos com o corpo — para isso tínhamos um reforço de elite, um amigo maior (o “Gigante”), que causava o maior “estrago” a cada contato com o muro.

Os barulhos foram ficando mais fortes e intensos, e percebemos que o muro havia enfraquecido bastante. Ao mesmo tempo que nos entreolhávamos com orgulho, éramos inundados pela perigosa sensação de que tínhamos acabado de exagerar na dose. *Isso não vai acabar bem*, eu me lembro de ter pensado e gritado logo em seguida. O eco da minha voz ressoa até hoje na minha mente como o momento em que estourei minha bolha (pequena e insignificante naqueles dias, mas, ainda assim, uma bolha).

Enquanto eu tentava convencer dois dos três amigos presentes de que seria melhor deixar assim e tentar escapar sem grandes problemas, nosso Gigante veio e cravou o pé no meio da parte mais frágil do muro. O barulho foi impressionante! Toda a estrutura desabou e, vendo o muro cair, eu tive a impressão de que aquilo acontecia em câmera lenta. Tudo o que conseguimos fazer foi curtir o momento. Objetivo alcançado.

Crianças (e muitos adultos também) têm um jeito bem particular de se livrar dos problemas: elas simplesmente saem correndo e se voltam para seus afazeres “normais” como se nada tivesse acontecido. Elas correm de volta para a bolha e se aninham lá dentro. Foi justamente o que fizemos. Por morar do lado da república, eu entrei logo em casa, sentei-me em minha cama e comecei a treinar as desculpas que teria que usar mais tarde diante de meus pais. Não tinha mais volta: eu havia destruído minha bolha, apesar de não ter compreendido isso àquela altura.

O muro completamente destruído chamou a atenção de todo o bairro e logo a rua estava tomada de vizinhos e curiosos. A polícia também veio. Era fim de tarde, então era só uma questão de tempo até meus pais chegarem e também se assustarem com o que acontecia lá fora. Eu continuava inquieto, trancado em casa idealizando as justificativas que usaria para não ser responsabilizado.

“Meu filho, você viu a confusão lá fora?”, minha mãe gritou da garagem, ao fechar a porta do carro. “Vi sim, parece que algum carro bateu e derrubou o muro do vizinho, né?”, respondi, indo ao seu

encontro na entrada da sala. Menti como manobra de sobrevivência, mas fora da bolha essa não era uma boa estratégia.

“Muita gente lá fora comentou ter visto você mexendo no muro com seus amigos”, disse minha mãe, e sua voz já demonstrava que ela sabia muito mais do que eu presumia.

Respondi: “Ficamos curiosos e fomos ver o que aconteceu, só isso, mãe”. Eu já não escondia o nervosismo diante da verdade.


“Olhe bem para mim e não minta”, ela disse, segurando meu queixo e me fitando de um jeito que só as mães sabem fazer. Você já passou por isso, tenho certeza. “Você está envolvido com o que aconteceu lá fora? Vamos, responda!” A verdade veio à tona, contada pela minha boca, detalhe por detalhe, momento a momento, tão em câmera lenta quanto a queda do muro. Fora da bolha, eu já sentia que a situação se agravaria para o meu lado.

Minha mãe telefonou para as mães dos outros três amigos envolvidos no episódio para colocá-las a par da situação. Algumas coisas teriam que ser feitas: entrar em contato com o dono da casa, com os estudantes que ali moravam e, principalmente, pagar a conta da reconstrução do muro.

Nenhuma mãe acreditou que seu filho fosse capaz de fazer algo como aquilo, e as três negaram a participação deles no caso. Simplesmente disseram que acreditavam em seus filhos e que todos tinham dito que eu era o mentor da ocorrência e os tinha convencido a agir daquela forma. Para elas, a culpa era minha, e só minha. As bolhas criadas para seus filhos resistiram, e eles se safaram. Eu, não.

Assim são muitas crianças: inocentes, livres de más intenções, mas assim também são muitos pais, tão indiferentes na educação dos filhos que sequer se dão ao trabalho de participar de forma convincente de sua formação como cidadãos. Eles não só criam bolhas insustentáveis, como fazem delas uma mentira para a vida — algo por si só completamente insustentável. O resultado você e eu podemos constatar nos dias atuais.





**Embora não  
queiramos que  
nossos filhos  
fracassem  
constantemente,  
tentar protegê-los  
e correr em seu  
socorro sempre  
que tememos um  
possível fracasso  
os priva de uma  
importante lição:  
a de que falhas  
são experiências  
com as quais  
aprendemos.**

**– R. BROOKS E S. GOLDSTEIN**

Minha mãe simplesmente me colocou para telefonar para os estudantes e dizer o que EU tinha feito. Logo depois, telefonou para o dono da casa e disse que EU tinha uma mensagem a transmitir. Por fim, passei os doze meses seguintes pagando, sozinho, a conta da reconstrução do muro — parte do dinheiro necessário saiu da MINHA mesada.

Como você deve imaginar, esse acontecimento transformou minha vida. Amadureci muito com os desdobramentos do episódio e aprendi que viver é uma oportunidade única de assumir riscos de forma deliberada, por escolha (não por imposição ou sina), mas que nossas decisões embutem consequências que precisam ser encaradas e resolvidas (não adiadas ou ignoradas).

“Quebrar o muro” requer força, objetivos claros, apoio, tudo o que acabamos de discutir. Meta alcançada, é hora de “pagar o preço”, lidar com a realidade apresentada e transformada a partir do marco atingido. “Estourar sua bolha” é encarar o desafio de viver a própria vida assumindo responsabilidades e riscos de forma consciente, encarando as consequências de tudo isso como parte do processo, o que pressupõe não as terceirizar.

Esse é o convite que lhe faço, caro leitor: encare os muitos muros que a vida colocará na sua frente, mas lembre-se de que, ao quebrá-los, você assume riscos e responsabilidades com as quais precisa lidar e, principalmente, transformar em aprendizado. E isso só será possível se, antes, você estourar sua bolha!

Torço agora para que você se imagine quebrando um muro enorme: o do tabu em torno do conformismo social e das expectativas a que devemos corresponder desde a hora em que acordamos até a hora de dormir, principalmente por parte de nossos pais e pessoas mais próximas.

Eu cansei de ouvir e ler sobre o que devemos ou não fazer. E você? Que tal agir um pouco por conta própria, com autonomia, assumindo responsabilidades antes delegadas a pais, cônjuges e familiares?

# VIVENDO E APRENDENDO

- Com a liberdade, todos recebemos um prêmio chamado responsabilidade.
- Não vale a pena desperdiçar a vida com pessoas complicadas.
- Não fazer nada é escolher. Não tomar decisões ou deixar que alguém as tome por você, também.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA  
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

**[www.faroeditorial.com.br](http://www.faroeditorial.com.br)**



**CAMPANHA**

Há um grande número de portadores do vírus  
HIV e de hepatite que não se trata.

Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e  
hepatite é mais rápido do que ler um livro.

**FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!**



ESTA OBRA FOI IMPRESSA  
EM JANEIRO DE 2020